

Abandono de espaços históricos

Cidades - Página 19

3 de outubro de 2021



MEMÓRIA Praça Ministro Salgado Filho foi inaugurada no ano de 1957, com projeto de Burle Marx. É tombada e tem relevância nacional

Um dos terminais mais bem avaliados do País, o Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes é reconhecido pela organização, limpeza e conservação. Mas isso na parte nova. Basta uma olhada para o lado direito para constatar a subutilizada Praça Ministro Salgado Filho, classificada como um jardim histórico, e o abandonado antigo terminal aéreo, que, uma vez luxuoso, nunca esteve pior que hoje. A decadência de ambos e possíveis novos usos para os históricos equipamentos estão há anos no centro das discussões entre o poder público e a iniciativa privada - sem data para acabar.

Isso porque a praça, inaugurada em 1957 com projeto do paisagista Burle Marx, é tombada e tem relevância nacional, cabendo à Prefeitura do Recife a sua manutenção, e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) as decisões sobre mudanças estruturais. A ela está ligado o antigo terminal, aberto em 1958 e recentemente concedido à Aena Brasil junto ao novo Aeroporto - que segue com destino indefinido enquanto cai aos pedaços.

Se até o ano passado o prédio servia como parada de ônibus e abrigo para pessoas em situação de rua, agora nem isso. Há poucos meses, tapumes foram postos por toda sua estrutura, proibindo o acesso ao local por causa dos frequentes furtos da cobertura. Placas de "perigo, afaste-se" estampam as grades do edifício, com fragmentos ensaiando a queda.

Elias Freitas, 40 anos, usa o lago da conhecida "Praça do Aeroporto" para lavar as roupas e a si próprio. Até pouco tempo, dormia no equipamento junto a outras pessoas, e via os furtos constantemente. "Tinham uns dez homens roubando toda noite. Era muita bagunça, zoada deles tirando as telhas, que caíam no chão. Quando fecharam [o prédio], sumiram todos, e nós fomos para debaixo do viaduto [Miguel Arraes]", contou.

Durante cerca de uma hora em que o JC esteve no local, em torno de dez transeuntes passaram pela praça. Três são vendedores de lanches que ficam próximos à parada de ônibus na Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes. "A iluminação está boa porque trocaram as lâmpadas recentemente, mas a limpeza não é adequada. Hoje não tem mais movimento, porque a praça está se acabando. Às vezes, pessoas que estão na parada de ônibus são assaltadas", relatou o comerciante Luciano dos Santos, 43.

Hoje a dinâmica da localidade difere da que o autônomo Valmir Silva, 53, tem na memória de quando era adolescente. "Essa praça tinha muita área de lazer. As pessoas vinham namorar e se encontrar. Quando desativaram o aeroporto, essa parte de cá ficou jogada, virou alvo de vândalos."

A dança que se formava entre pessoas saindo e entrando no antigo terminal do Aeroporto, seja para voos, lazer, trabalho ou comércio, e, conseqüentemente, passando pela praça, trazia movimento ao local. Mas, segundo a arquiteta e urbanista do Laboratório de Paisagem da **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**

Ana Rita Sá, por não haver moradias ao redor, no momento em que a operação do novo terminal começou, em 2004, a relação se desfez, e o jardim perdeu o sentido prático - o que deve piorar caso o prédio de fato seja demolido e dê lugar a um estacionamento aberto.

"A praça foi feita relacionada ao edifício do aeroporto. Quando ele foi fechado, a praça ficou solta em um novo traçado de sistema viário que não a incorporou como deveria. A gente não estuda o jardim como uma ilha, mas a paisagem do entorno. Se tirá-lo, a praça fica sem composição. Depois da restauração dela em 2013, começou a haver uma degradação pelo aeroporto não querer assumi-la e não saber agregar o valor que é ter um jardim histórico", disse.

A polêmica foi parar no Ministério Público de Pernambuco (MPPE) no último ano. "Achamos que o prédio deve ser recuperado, porque tem valor. É um edifício moderno que faz relação com a praça. A escada dele, por exemplo, antepara a praça", defendeu a também urbanista Lúcia Veras. O caso está em discussão.

A Aena Brasil informou ao JC que o "espaço deve ganhar novos usos", sem especificar quais. O Iphan explicou que a derrubada do prédio "não causa dano à ambiência da praça", por já ter sido descaracterizado após sucessivas reformas nas décadas de 1980 e 1990, mas que, se isso acontecer, deve ser "substituído por nova construção dentro dos parâmetros estabelecidos", mantendo relação funcional, espacial e paisagística.

Sobre a manutenção da praça, a Autarquia de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife (Emlurb) informou que ela está incluída na programação de recuperação. "Uma equipe está

fazendo um levantamento das ações necessárias para elaborar um orçamento e executar as intervenções". A CTTU acrescentou "que o trecho da praça está em obras e que fará a manutenção de sinalização."

### **Artes entre as teias de aranha**

Jóias da arte vanguardista pintadas nas paredes do antigo terminal do Aeroporto do Recife são mantidas em meio às teias de aranha, ao escuro e ao abandono que o equipamento se encontra. Desde 2004, quando o novo terminal foi inaugurado, os coloridos painéis "Folclore" e "Ciclo Econômico", do artista pernambucano Lula Cardoso Ayres (1910-1987), não têm mais olhares sobre eles, e são uma das pautas das discussões entre poderes público e privado que circundam o prédio - hoje administrado pela Aena Brasil, mesma empresa que gere o novo aeroporto.

Apesar de estarem no prédio concedido à empresa, as obras não pertencem a ela. São tombadas pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e, portanto, de propriedade pública, mas cabe à Aena a preservação delas enquanto lá estiverem.

Por nota, a empresa informou ter colocado uma proteção ao redor das paredes para mantê-los protegidos, impedindo que sejam visualizados, e que as "decisões referentes ao destino das obras estão sendo alinhadas com a Patrimônio Histórico e, por causa disso, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e demais autoridades competentes.

Por não poder adentrar o edifício, a reportagem do JC pediu para que a Aena enviasse fotos recentes dos murais, mas recebeu como resposta que também não tem acesso, e que não seria possível enviá-las.